

Design gráfico contra o cárcere: reflexões sobre a realização de um fanzine em colaboração com egressas do sistema prisional em São Paulo

Graphic design against prison: reflections on the creation of a fanzine in collaboration with prisoners from the prison system in São Paulo

MEDEIROS, Vânia; Mestre; FAU-USP

vaniamedeiros@usp.br

BARBOSA, Lara Leite; Livre Docente; FAU-USP

barbosall@usp.br

Este texto busca refletir sobre o processo criativo do fanzine **Conversas Possíveis: Palavras para atravessar muros**, desenvolvido no contexto do projeto **Mulheres Possíveis: corpo, gênero e encarceramento**, que atua em São Paulo desde 2016. O zine foi realizado em 2021, durante a pandemia de Covid-19, por meio de trocas *online* entre artistas, egressas do sistema prisional e pesquisadoras, e teve sua tiragem impressa de 5.000 exemplares distribuída em cinco unidades prisionais. No âmbito desta análise, discutiremos aspectos conceituais e gráficos da publicação e buscaremos esboçar possíveis contribuições desta experiência para o campo do design participativo.

Palavras-chave: design participativo - design gráfico - encarceramento feminino

This text seeks to reflect on the creative process of the fanzine Conversas Possíveis: Words to cross walls, developed in the context of the project Mulheres Possíveis: body, gender and incarceration, which has been operating in São Paulo since 2016. The zine was carried out in 2021, during the pandemic of Covid-19, through online exchanges between artists, ex-prisoners and researchers and had a print run of 5,000 copies distributed in five prisons. Within the scope of this analysis, we will discuss conceptual and graphic aspects of the publication and we will try to outline possible contributions of this experience to the field of participatory design.

Keywords: participatory design - graphic design - female incarceration - fanzine

1 Introdução

Em seu livro "Estarão as prisões obsoletas?" (2020), Angela Davis destaca a importância dos escritos em primeira pessoa, realizados por mulheres e homens encarcerados, para a discussão em torno do sistema prisional. A filósofa aponta que muitas e muitos dos autores em situação de cárcere descobrem o poder emancipatório — a nível pessoal e de documento histórico — da escrita, por conta própria, se auto educando, ou em programas educacionais nas prisões, que são desenvolvidos muito aquém do que seria necessário. Como aponta Denise Carrascosa (2015), existe uma vasta literatura produzida por e sobre pessoas encarceradas no Brasil, entretanto, trata-se sobretudo de publicações que se debruçam sobre as violências subjetivas vividas por essas pessoas. Nas palavras da pesquisadora, "só se pode falar onde não se pode viver. Autorizada está apenas a fala do quase morto, do sobrevivente, o seu 'testemunho', dispositivo que lhe constitui como gente, é o que lhe devolve a uma espécie de existência afirmativa" (CARRASCOSA, 2015, p. 14). Na medida em que outros lugares discursivos são atravessados por essas autoras e autores, é flagrante o desinteresse por fazer eco a suas vozes. Deste modo, são suplantadas do mercado editorial as produções que buscam evidenciar as técnicas de subjetivação das pessoas em situação de cárcere que, de inúmeras maneiras, inventam escritas de si — e "políticas de si" (idem, p.161) — nas circunstâncias mais constritivas, relegando à invisibilização textos capazes de contribuir ativamente na luta contra a barbárie do encarceramento em massa.

Por sua vez, no contexto brasileiro, Leda Maria Martins, ao analisar a produção de saberes que se instituem por via das corporeidades — tomando como referencial a contribuição das sociedades africanas e indígenas — evidencia em nossa formação a "plêiade de conhecimentos, dos mais concretos aos mais abstratos, que foi restituída e repassada por outras vias que não as figuradas pela escritura" (MARTINS, 2021, p.22-23). Deste modo, a autora alerta para o entendimento da oralidade e dos saberes do corpo nas suas diversas manifestações como instrumentos mnemônicos. Trazendo essa reflexão para as narratividades possíveis no âmbito dos corpos encarcerados, Carla Akotirene (2020) destaca a importância da oralidade e do resgate das memórias pessoais faladas na reabilitação das subjetividades das mulheres presas, "colaborando na dimensão política, dando significação aos discursos pessoais dessas mulheres e reconstruindo identidades femininas" (AKOTIRENE, 2020, p. 25).

A designer e professora Meaghan Dee, em artigo para a plataforma Eye on design¹ questiona o que acontece quando os designers buscam incorporar aos elementos tipográficos sensações que provocam os sentidos para além da visão. A autora destaca que, ao projetar, estamos constantemente cercados por texturas, contornos, cheiros, visões e sons e estes podem e devem ser considerados para gerar materiais mais inclusivos. Este artigo busca refletir sobre o desenvolvimento de um fanzine em colaboração com egressas do sistema prisional em São Paulo por meio de um processo participativo. A elaboração do projeto gráfico buscou reconhecer a abrangência dos muitos repertórios de conhecimento e trazer *corporeidade* a um texto direcionado principalmente para mulheres em situação de cárcere que, em muitos casos, não têm grande intimidade com a escrita tradicional. Buscaremos analisar o processo criativo da publicação e as estratégias criadas para o desenvolvimento de um espaço de participação junto às colaboradoras.

¹ <https://eyeondesign.aiga.org/the-inclusive-world-of-multisensory-typography/>

Como afirma Del Gaudio (2014), o *Participatory Design* — fortemente atribuído ao Norte da Europa na década de 70 e sistematizado largamente na América do Norte — “não é suficiente para experiências participativas que visam inovação social em contextos de conflito, frágeis e marginalizados” (DEL GAUDIO, 2014). Possuem pouca visibilidade no contexto acadêmico os relatos de territórios na Ásia, a América do Sul e a África. Tendo em vista esta reflexão e acompanhando o pensamento de Donna Haraway sobre a importância da sistematização dos saberes situados, descrito especialmente em seu artigo “Saberes Localizados” (1995), acreditamos que experiências singulares de design participativo, constituídas *ad hoc*, são de enorme valor tanto para campo do DP, assim como para a produção de uma historiografia de experiências democráticas fora dos circuitos hegemônicos.

2 Arte, pedagogia e design gráfico no cárcere: aprendizados e desafios

Mulheres Possíveis: corpo, gênero e encarceramento é um projeto artístico-pedagógico realizado desde 2016 em colaboração com mulheres em situação de cárcere, egressas, artistas e pesquisadoras na cidade de São Paulo². As proposições criativas se dão em diversas linguagens — teatro, performance, música, escrita, desenho — tendo o corpo sempre como centro das investigações e experiências. O programa se compõe de ações presenciais internas — que até o momento se desenvolveram na Penitenciária Feminina da Capital (PFC) —, associadas a ações públicas, externas. Uma das principais frentes de trabalho do projeto é a elaboração de publicações impressas distribuídas dentro e fora das instituições carcerárias. Já foram produzidos pelo grupo três impressos, com tiragem entre 1.000 e 5.000 exemplares. Neste artigo, nos focaremos no fanzine *Conversas Possíveis: Palavras para atravessar muros* (2021), que teve a especificidade de ser realizado durante a pandemia de Covid-19, por meio de trocas *online* entre as participantes. Desde de março de 2020, devido à situação sanitária, o *Mulheres Possíveis* não pôde mais ser realizado presencialmente, assim como os demais projetos, ações e inclusive visitas que aconteciam em unidades prisionais do país. Frente a esta situação, foi elaborado o projeto *Conversas Possíveis: palavras para atravessar muros*, que recebeu o apoio do Sesc Santana instituição parceira do grupo em inúmeras iniciativas³.

O livro *Mulheres Possíveis: corpo, gênero e encarceramento* (2019)⁴ foi ponto de partida para quatro encontros *online*, via plataforma *zoom*, com mulheres egressas do sistema prisional (duas das quais participaram do projeto quando estavam presas), pesquisadoras, artistas e outras interessadas. Os temas de cada encontro se relacionaram a trechos do livro e trouxeram questões-chave para o debate sobre o encarceramento feminino no Brasil: *Porque*

² O projeto é coordenado pelas artistas Beatriz Cruz, Leticia Olivares, Sandra-X e Vânia Medeiros.

³ A sede do Sesc Santana, importante apoiador financeiro e logístico do projeto, se localiza nas imediações da PFC e as propostas apoiadas pela instituição, em muitos dos casos, são realizadas com o intuito de buscar estratégias para promover interações entre o bairro de Santana e a unidade prisional. A PFC pode ser considerada como uma ilha isolada na região, parte de uma espécie de “arquipélago” composto de duas outras edificações prisionais, que se avizinham e que juntas, praticamente, não desenvolvem nenhuma relação com o entorno.

⁴ Sobre uma análise mais detalhada do processo criativo do livro citado, ver MOREIRA, Vânia Medeiros; BARBOSA, Lara Leite. *Design gráfico para atravessar muros: o processo criativo de um livro em diálogo com mulheres em situação de cárcere*. Arcos Design, Rio de Janeiro: PPESDI / UERJ. v. 15, n. 1, Março 2022. pp. 8-27. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign/article/view/64211>

cada vez mais mulheres são presas no Brasil?; Alimentação nas prisões; Maternidade e cárcere e A saída do cárcere. A estrutura das mesas foi composta de duas convidadas palestrantes, sempre uma egressa e uma pesquisadora. Somada a elas, uma “relatora”, na maioria dos casos, também egressa, responsável por fazer registros livres por meio de textos, desenhos e anotações do desenrolar dos encontros em seus *cadernos de campo*. De cada *Conversa* participaram entre 30 e 40 pessoas ouvintes, que puderam também fazer comentários e perguntas. A ideia de produzir um zine ao final dos encontros teve o intuito de compartilhar o conteúdo das discussões com mulheres encarceradas nas unidades prisionais de São Paulo.

Figura 1 – Imagens do livro Mulheres Possíveis: corpo, gênero e encarceramento



Fonte: Acervo das artistas (2019)

Diferente da primeira experiência com publicações no projeto, na qual foi produzido um livro, no caso do *Conversas*, ficou expresso desde o início o desejo de nomear o produto impresso como fanzine. Este formato, em inúmeros momentos históricos, funcionou como suporte para discursos contra-hegemônicos — especialmente para o feminismo, uma vez que, por meio da livre auto-publicação fora dos contextos acadêmicos, discursos e práticas feministas foram e têm sido reapropriados por jovens mulheres a partir dos diferentes contextos em que se inserem (CAMARGO, 2011, p.158)

Segundo Magalhães (1993), a palavra fanzine se forma a partir da junção lúdica das palavras inglesas *fanatic* e *magazine*, e foi cunhado por Russ Chauvenet em 1941. Suas primeiras aparições na década de 1930, nos EUA, inicialmente atreladas à cultura da ficção científica, foram ampliadas nas décadas subsequentes para abarcar histórias em quadrinhos, terror, literatura policial, bem como para servir de plataforma para cenas musicais e militância política. Não existem definições muito precisas sobre o que venha a ser um fanzine, que é, muitas vezes, confundido com revista “alternativa”, tanto por sua forma de produção, quanto pelos modos como é distribuído (MAGALHÃES, 1993). Alison Piepmeier em seu artigo “Why zines matter: Materiality and the creation of embodied community” enfatiza o potencial deste tipo de produção em incitar conexões íntimas e afetuosas entre suas criadoras e leitoras, gerando não apenas comunidades, mas comunidades *corporificadas*. (PIEPMEIER, 2008, p.214, tradução nossa). Embora o número de zines de papel tenha diminuído consideravelmente com a popularização da internet, no contexto das prisões, o formato impresso se mostra insubstituível, uma vez que não há acesso das internas a redes virtuais.

A elaboração do projeto gráfico, assim como todo o trabalho artístico-pedagógico do Mulheres Possíveis, é embebido de pressupostos da educação popular e do design participativo, na medida em que são produzidos a partir de "processos de investigação, compreensão, reflexão, estabelecimento, desenvolvimento e apoio à aprendizagem mútua" (SIMONSEN e ROBERTSON, 2013, p.2). O *modus operandi* do grupo incorpora em sua práxis a noção Freireana de que, em enorme medida, aquelas que formalmente são vistas como "formadoras" são, na verdade, formadas, posto que "recebem os conhecimentos-conteúdos acumulados pelos sujeitos que sabem" (FREIRE, 1996, p.22), ou seja, o das mulheres que vivem ou viveram o encarceramento. O conceito de co-design — que entende o design como uma atividade intrinsecamente social (idem, p.73) — atravessa a tessitura da programação visual como um todo. Isto se dá na medida em que as publicações buscam ser construídas coletivamente, forjadas através de um diálogo atento às assimetrias no poder de decisão durante o processo de edição e de design, investigando constantemente maneiras de amenizá-las. É importante destacar que, via de regra, o trabalho é realizado de maneira presencial, com assídua troca entre as artistas-educadoras e as mulheres encarceradas. Para a produção do fanzine, diante do enorme desafio da comunicação *online*, os *cadernos de campo* representaram o dispositivo material fundamental para mediar a participação de todas na construção do projeto gráfico.

3 Caderno de campo: dispositivo de conversação e provótipo

Não convém a este artigo detalhar a maneira como é desenvolvido o trabalho artístico-pedagógico com as mulheres presas dentro dos muros, que se dá por meio de oficinas denominadas de Laboratórios de Criação (Lab_)⁵. Entretanto, para o entendimento mais amplo da estratégia de participação elaborada junto às egressas para materializar projeto gráfico do zine, é necessário destacar um deles, o **Lab_ Caderno de campo**. O principal dispositivo neste Lab_ são justamente os *cadernos de campo*, espaço para criação de textos e desenhos a partir de situações cotidianas vividas por cada uma, assim como fabulações. As propostas feitas para mulheres presas geralmente partem de provocações como: Entrevistar uma companheira de cela ou de pavilhão, desenhar seus objetos pessoais, representar o que conseguiam ver da própria janela etc.

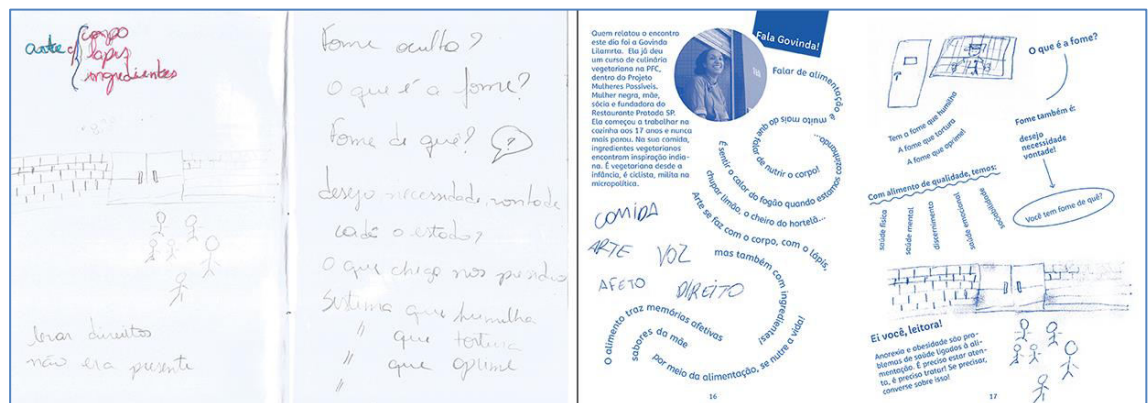
O termo "caderno de campo" é tomado de empréstimo da etnografia e busca evidenciar essas mulheres como pesquisadoras ativas da realidade em que vivem. A produção de textos e imagens as coloca no lugar de micro-historiadoras e através destes registros cria-se um arquivo do tempo-espaço vivido no cárcere, demonstrando a importância política de seu olhar enquanto narradoras. Ao mesmo passo, a elaboração dos cadernos opera também na dimensão do autoconhecimento, uma vez que é salutar o aspecto terapêutico da escrita e do desenho. Há ainda um terceiro atributo dos cadernos, para além do diário íntimo e de arquivo — o qual podemos constatar acompanhando o pensamento de Anastassakis e Szaniecki (2016): o de "dispositivo de conversação". Isto se observa na medida em que estes funcionaram como suportes para imagens através das quais foram estabelecidas conversas que possibilitaram um crescente engajamento de cada participante no processo. Na medida em que as imagens eram compartilhadas em roda, cada membro do grupo ia ganhando confiança

⁵ Sobre o trabalho desenvolvido nos Laboratórios de criação ver MOREIRA, V. M.; VELOSO, V.; OLIVARES, L. Que mulheres você é? Narrativas de si entre mulheres em situação de cárcere no âmbito do projeto "mulheres possíveis". **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 7, n. 20, p. 69-81, 14 maio 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/13699>

nas próprias maneiras de representar suas rotinas, memórias e pensamentos, ultrapassando as inseguranças no escrever e no desenhar.

No projeto *Conversas Possíveis*, ao mesmo passo em que o caderno funcionava como um espaço pessoal de reflexões e anotações durante os encontros *online*, podemos considerá-los ainda como uma espécie de "provótipo", uma vez que foram importantes instrumentos de visualização coletiva da visualidade do zine. O *provótipo*, como explicam Anastassakis e Szaniecki (2016, p. 126), é uma derivação da ideia de protótipo, tão utilizada nos processos em design como manifestação final dos processos criativos. A noção de provótipo desloca a materialização para o meio dos processos de design. Artefatos simples como cadernos, lápis e canetinhas puderam "fazer ver", antes do zine pronto, a natureza das imagens que se teria na publicação vindoura. Deste modo, as colaboradoras foram vistas como agentes, não como meras "fontes".

Figura 2 – Caderno de uma das relatoras e página diagramada do zine.



Fonte: Acervo das autoras (2021)

Reis et al (2018) afirmam que a efetividade epistemológica do DP é sustentada pela premissa de que nenhuma pessoa, por especialista que seja, ou disciplina, isoladamente, tem todo o conhecimento necessário para o design de qualquer artefato, seja ele gráfico, ou de outra natureza. A qualidade no design está diretamente ligada ao aprendizado mútuo entre designers e participantes, diálogo que sobrepuja os distanciamentos conhecidos entre especialista e usuário. A combinação de experiências dos diversos participantes influi diretamente neste tipo de processo. Nesse sentido, democracia, função e estética caminham juntas.

4 **Texto em caminho:** mover a letra para *passar* o pensamento

Utilizamos duas fontes no projeto gráfico do livro. Estas fazem parte da identidade visual de todas as peças gráficas do *Mulheres Possíveis*: **Abeezee**, da designer Anja Meiners e **Capriola**, de Viktoriya Grabowska.⁶ Abeezee foi utilizada para o corpo dos textos. Optamos por usar tal fonte uma vez que esta foi elaborada para a uma visualização clara por pessoas em fase de alfabetização ou estágios iniciais de letramento. No caso das mulheres em situação de cárcere, existe uma multiplicidade de experiências com a leitura, algumas com bastante fragilidade e que possuem dificuldade para enxergar letras muito pequenas. Buscando criar um espaço

⁶ As duas fontes estão disponíveis gratuitamente no site: <https://www.design-research.be/by-womxn/>

gráfico convidativo também para estas pessoas, foi escolhida esta fonte, sempre com tamanho acima de 14, mantendo um contraste intenso entre letra e fundo de maneira a facilitar a visualização. Para os títulos e trechos em destaque utilizou-se Capriola, fonte sem serifa, de arestas mais arredondadas. Capriola é menos "dura", com aspecto "desenhado" — se baseia em formas escritas à mão e em itálico — o que convida à entrada na leitura. A escrita manual também é bastante presente no layout como um todo, tendo sido escolhido um tratamento que não alterasse a feição original dos desenhos e da caligrafia, editados para "habitar" as páginas de modo compartilhado com os textos digitados.⁷

Figura 3 – Imagens do zine Conversas Possíveis: Palavras para atravessar muros.



Fonte: Acervo das autoras (2021)

Meaghan Dee, ao descrever a ideia de uma "tipografia multissensorial"⁸ afirma que, ao escolher certas características da tipografia ou utilizá-la de determinadas maneiras, é possível abrir novas portas para as experiências sensoriais do usuário como o olfato, o paladar e a audição.

⁷ O fanzine pode ser visto e baixado na íntegra aqui:

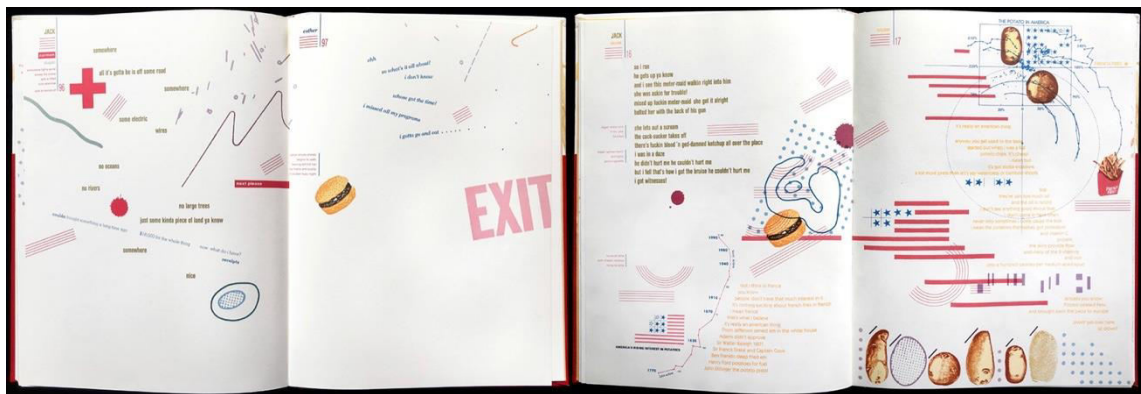
<https://files.cargocollective.com/633257/zine-conversas-possiveis-web.pdf>

⁸ <https://eyeondesign.aiga.org/the-inclusive-world-of-multisensory-typography/>

Quando se trata de tipografia, visão e som estão intimamente ligados. Como o escritor Robert Bringhurst descreveu apropriadamente: “A escrita é a forma sólida da linguagem”. Designers muitas vezes transmitem o conceito de som através de escala e peso. Por exemplo, uma Helvetica pesada de 72 pontos é muito mais alta que uma Mrs Eaves de 8 pontos. Um layout com muito espaço em branco parecerá muito mais calmo e silencioso do que um spread com pequenas margens repletas de conteúdo. (Dee, 2022)

Dee cita em seu artigo o designer e artista Warren Lehrer⁹, que utiliza o termo “psicoacústico” para descrever os "ambientes" criados pelo design tipográfico em seu trabalho. Lehrer busca envolver os leitores, propondo uma dissociação entre primeiro plano e os ruídos de fundo, levando-os a navegar entre a legibilidade e o caos. No livro “French Fries”, o designer criou um layout que coreografa os sons, diálogos e interações entre os personagens e sua relação com o lugar (um restaurante de *fast food* americano). Ele representou cada personagem do livro com um tipo de letra, estilo e cor individualizados, de maneira a simbolizar diferentes vozes.

Figura 4 – Livro “French Fries”, design de Warren Lehrer



Fonte: <https://warrenlehrer.com> (2021)

No caso do fanzine que aqui analisamos, a ideia de movimento corporal foi o que orientou conceitualmente o tratamento da tipografia. Para justificar essa escolha, evocamos uma fala de Mirian Baião, angolana, artista visual, poeta, especialista em tranças afro, egressa do sistema prisional e uma das principais colaboradoras do projeto Mulheres Possíveis: "Seu corpo está trancado, mas sua voz é livre nas tuas ideias!". De que maneira seria possível traduzir graficamente um convite ao pensamento livre para mulheres que, naquele momento de suas vidas, pouco ou nada podem se deslocar, constringidas que estão a um ambiente de absoluta opressão? Como um texto poderia evocar essa liberdade de dentro evocada por Mirian, levando em consideração as diferentes experiências de alfabetização formal destas leitoras? No sentido de propor uma espécie de “leitura em movimento” foi usado o recurso gráfico do *texto em caminho*. Buscamos ativar um “olho que virasse pé”, que andasse pelas páginas, para gerar um espaço gráfico que as levasse a inclinar o pescoço, girar o papel e correr os dedos sobre as linhas ondulantes.

Do ponto de vista da cor, foi usado um único pantone azul, sugerido pela caneta bic que tradicionalmente se usa para fazer anotações e escrever cartas, praticamente o único material

⁹ <https://warrenlehrer.com>

que possuem — quando muito — para escrever dentro do cárcere. A escolha de uma cor única também foi feita para baratear os custos de impressão e possibilitar uma tiragem maior.

A utilização das fotografias de todas participantes convidadas, tanto as egressas quanto as colaboradoras externas, assim como as artistas coordenadoras do projeto foi considerada necessária conceitualmente. Já que o material entraria "sozinho" nas unidades prisionais, sem a mediação das educadoras, pareceu importante pedagogicamente personificar as falas que estavam mostradas. Embora não sejam elemento central no design, as fotos buscam afastar a ideia de que se tratam-se textos genéricos, sem presença e evidenciar que foram proferidos por mulheres com corpo, rosto e história, assim como elas.

Na impossibilidade de mover-se para fora dos muros, outras caminhadas podem ser possíveis através da leitura. O *texto em caminho*, além de ter sido escolhido como forma de trazer corpo ao texto, foi útil também para dar uma cara mais "leve", conferir ludicidade ao impresso. Isto foi importante, uma vez que o aspecto contundente politicamente dos conteúdos relativos ao encarceramento feminino abordados na publicação poderia gerar censura institucional à entrada do material. Cinco unidades prisionais de São Paulo aceitaram receber e distribuir o fanzine: Penitenciária Feminina de Santana, Penitenciária Feminina da Capital, CDP Feminino de Franco da Rocha, CPP Feminino de São Miguel Paulista e CPP Feminino do Butantã.

No processo de edição, foi desafiador diminuir as fortes assimetrias nas tomadas de decisão em relação ao design gráfico do zine. A elaboração *ad hoc* de ferramentas de visualização - aspecto fundamental em processos de co-design, foi prejudicada pelo distanciamento social decorrente da pandemia e pela dificuldade de acesso à internet de qualidade pelas participantes. Conversas pelo *whatsapp* foram a principal forma de compartilhar e sobretudo consultar as participantes sobre o layout em andamento. Por meio destes compartilhamentos, as inseguranças individuais em relação ao conteúdo e "qualidade" dos cadernos foram sendo diluídas. Os gestos criativos individuais não eram tidos como produções "menores" já que ganhavam força e sentido através da vinculação ao plano coletivo. O desígnio das produções de cada caderno foi sobretudo o da complementaridade com os demais.

5 Publicar e distribuir dentro de prisões: políticas de narratividade

As publicações no contexto do projeto Mulheres Possíveis são o momento em que o trabalho sistematiza e divulga elementos de sua pedagogia em processo, além de convocar ao debate público — dentro e fora dos muros — sobre o encarceramento feminino no Brasil. Deste modo, os impressos são entendidos como *dispositivos*. Michel Foucault (1979) define dispositivo como:

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1979, p. 244).

Ao comentar esta definição de Foucault, Deleuze descreve os dispositivos como novos, conjuntos multilineares e afirma que se constituem como “máquinas que fazem ver e falar” (DELEUZE, 1999, p. 155). Interessa ao Mulheres Possíveis considerar as publicações enquanto dispositivos uma vez que a constituição de lugares seguros de visualização e enunciação para mulheres dentro do cárcere, é um dos principais aspectos norteadores da investigação-em-ação do grupo. Deste modo, o exercício de publicar exige das artistas-educadoras o estabelecimento de uma *política de narrativa*. Passos e Barros (2020, p.150) afirmam que as políticas de narrativa não podem ser encaradas de maneira desarticulada das políticas que estão em jogo nos processos como um todo. Toda produção de conhecimento, afirmam, se dá a partir de uma tomada de posição que nos implica politicamente — entendendo política em sentido ampliado, e não de maneira restrita ao domínio específico das práticas relativas ao Estado.

O processo de produção destes impressos é, em enorme medida, *cartográfico* — no sentido desenvolvido por Deleuze e Guattari e desdobrado por diversas(os) autores (BARROS e KASTRUP, 2020) — na medida em que acompanha processos de convivência e discussões encarnadas, vividas e não abstratas. Procura apreender movimentos em determinados territórios existenciais e não representar estados de coisas. Entendidos deste modo, os impressos no contexto do Projeto Mulheres Possíveis não funcionam como nenhum tipo de apresentação de resultados ou indicação de diretrizes estanques em relação ao trabalho em prisões e a situação do encarceramento no Brasil.

Em concordância com o pensamento de Carrascosa (2015), entendemos os livros e zines não como um trabalho que busca visibilizar apenas o luto decorrente da tragédia do encarceramento na vida das mulheres, que envolve uma noção de perda subjetiva e mesmo desumanização. Enxergamos essas publicações como dispositivos de “suplementação subjetiva e afirmativa, errática e divergente, desviante do lugar de morte em que o mecanismo de aprisionamento posiciona os corpos que submete” (CARRASCOSA, 2015, p.15). As publicações constituem-se, portanto, enquanto uma plataforma pública para as narrativas de si, projetando-as para fora do âmbito fechado do grupo. Através delas, os atravessamentos e aprendizados se voltam para a rua e para dentro dos muros, polinizando-os entre outras mulheres que vivem o cárcere.

Muito mais do que “presas” e “sobreviventes do sistema prisional”, essas mulheres são seres ativos, criativos, em processo de descoberta de existências e resistências e seus relatos têm muito a contribuir com o empoderamento de outras mulheres — encarceradas ou não —, além de alertar a sociedade sobre a barbárie que constitui o sistema prisional brasileiro. Na medida em que o design participativo busca “permitir a participação das comunidades no design de artefatos, processos e ambientes que afetarão diretamente suas vidas” (SIMONSEN e ROBERTSON, 2013, p. 2), entendemos que o processo de criação deste tipo de publicação só pode ter validade e potência na medida em que se desenvolve em um processo de co-criação.

6 Conclusão

Neste artigo, foi analisado o processo de produção do zine ***Conversas Possíveis: Palavras para atravessar muros***, buscando investigar de que maneira o design gráfico do livro buscou traduzir o processo de participação na colaboração com egressas do sistema prisional. A investigação procurou apontar possíveis contribuições destes percursos criativos para o campo

do design participativo, uma vez que aborda uma experiência situada, comunitária e orientada por pressupostos democráticos.

A pesquisadora Juliana Borges destaca, já no prefácio do seu livro "Encarceramento em massa" (2020), a importância, no contexto das práticas que visam discutir e visibilizar a tragédia do sistema prisional brasileiro, da palavra **empatia** - habilidade de projetarmos em nós dificuldades, valores, sentimentos e ideias do outro. Ela afirma que "a ideia é que essa projeção para dentro de si estimule a capacidade de projeção do outro e de compreender que liberdade é coisa que se conquista conjuntamente." (BORGES, 2020, p. 17). Paulo Freire, por sua vez, em "Pedagogia da autonomia", aponta a relação intrínseca entre estética e ética no processo pedagógico. Ele afirma a importância de termos "decência e boniteza de mãos dadas" (FREIRE, 1996, p.32). Ao observar a trajetória do zine analisado, sobretudo por meio das conexões e retornos que foram tidos a partir de sua leitura, tanto por mulheres encarceradas quanto pelo público em geral, podemos afirmar que a "boniteza" da publicação é um dos elementos de atração e empatia, que convidam — amorosamente e também criticamente — a sociedade a pensar e a se posicionar diante do encarceramento feminino em massa no Brasil.

Robertson e Simonsen (2013) afirmam que durante um processo de Design Participativo, todos os participantes aumentam seus conhecimentos e entendimentos sobre os assuntos que os afetam. Os autores enfatizam a importância política da participação genuína no design, que deve refletir o compromisso de garantir que as vozes dos grupos e comunidades marginalizadas sejam ouvidas nos processos de tomada de decisão que os afetarão. Esta análise foi enormemente mobilizada pela crença de que as experiências singulares em co-design, constituídas *ad hoc*, de base comunitária, situadas, como o projeto gráfico do zine **Conversas Possíveis: Palavras para atravessar muros** são de enorme valor para o fortalecimento do campo do design participativo enquanto um âmbito inventivo no design como um todo, comprometido com as especificidades locais e com as pautas sociais urgentes.

É importante pontuar que o processo de criação da linguagem gráfica do livro se deu, ainda, de maneira hierárquica, ou seja, a designer e as artistas-educadoras foram as principais responsáveis pelas tomadas de decisão. Existiu, no entanto, uma preocupação central em criar espaços de proposição, interrogação e reflexão sobre os diferentes aspectos do design em desenvolvimento. Simonsen e Robertson (2013, p.3) afirmam que o co-design não é definido por fórmulas, regras e definições estritas, mas por um compromisso com os princípios fundamentais da participação no design. É tendo este engajamento como norte que o processo de produção do fanzine que aqui analisamos — assim como das demais publicações do projeto — se construiu, em desafios e aprendizados constantes.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANASTASSAKIS, Zoy. SZANIECKI, Barbara. "Conversation dispositifs: towards a transdisciplinary design anthropological approach" in **Design Anthropological Futures**. Smith, R.C; Otto, Ton; Vangilde, K. T.; Halse, J.; Binder, T.; Kjaersgaard, M. G. (orgs). 2016

AKOTIRENE, Carla. **Ó pa í, prezada: racismo e sexismo institucionais tomando o bonde nas penitenciárias femininas**. São Paulo: Pólen, 2020.

BARROS, Regina Benevides de e PASSOS, Eduardo. Por uma política de narratividade. In: **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da. Porto Alegre: Sulina, 2020.

BARROS, Regina Benevides de e KASTRUP, Virgínia. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: **Pistas do método da cartografia: Pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da. Porto Alegre: Sulina, 2020.

BERNSTEIN, Dennis; LEHRER, Warren. **FRENCH FRIES**. New York: Visual Studies Workshop Press e EarSay Books, 1984

BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

CAMARGO, M. A. (2016). “Manifeste-se, faça um zine!”: uma etnografia sobre “zines de papel” feministas produzidos por minas do rock (São Paulo, 1996-2007). In: **Cadernos Pagu**, (36), 155–186. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644992>

CARRASCOSA, Denise. **Técnicas e políticas de si nas margens, seus monstros e heróis, seus corpos e declarações de amor**: Literatura e prisão no Brasil pós-Carandiru. Curitiba: Appris, 2015.

DAVIS, Angela. **Estarão as prisões obsoletas?** Rio de Janeiro: Difel, 2020.

DEE, Meaghan. **The Inclusive World of Multisensory Typography**. What happens when designers embrace the senses beyond sight?. Eye on design. Disponível em <https://eyeondesign.aiga.org/the-inclusive-world-of-multisensory-typography/>. Acesso em 15 de abril de 2022.

DEL GALDIO Chiara. 2014. **Design Participativo e inovação social**: a influência dos fatores contextuais. Tese para a obtenção do título de Doutora em Design. PUC- Rio. Rio de Janeiro.

DELEUZE, Gilles. Que és un dispositivo? In: BALIBAR, Etienne; DREYFUS, Hubert; DELEUZE, Gilles et al. **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1999. p. 155-163.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1 jan. 1995.

IBARRA, María Cristina, ANASTASSAKIS, Zoy. FERRAMENTAS DE VISUALIZAÇÃO NO CODESIGN: EXPERIMENTOS NA BIBLIOTECA PARQUE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO, **12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**, Blucher Design Proceedings, Volume 2, 2016, Pages 969-980, ISSN 2318-6968, <http://dx.doi.org/10.1016/despro-ped2016-0083>

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. São Paulo, Brasiliense, 1993.

MEDEIROS, Vânia et al. (org) **Conversas Possíveis**: Palavras para atravessar muros. São Paulo: Edição das autoras, 2021. Disponível em: https://files.cargocollective.com/633257/zine_conversas-possiveis_web.pdf

MEDEIROS, Vânia et al. **Mulheres Possíveis**: corpo, gênero e encarceramento. São Paulo: Conspire Edições; Prêmio RUMOS Itaú Cultural (2017- 2018), 2019.

MEDEIROS, Vânia; BARBOSA, Lara Leite. **Design gráfico para atravessar muros: o processo criativo de um livro em diálogo com mulheres em situação de cárcere**. Arcos Design, Rio de Janeiro: PPESDI / UERJ. v. 15, n. 1, Março 2022. pp. 8-27. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>

MEDEIROS, V.; VELOSO, V.; OLIVARES, L. Que mulheres você é? Narrativas de si entre mulheres em situação de cárcere no âmbito do projeto “mulheres possíveis”. **Revista Brasileira de**



Pesquisa (Auto)biográfica, v. 7, n. 20, p. 69-81, 14 maio 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/13699>

PIEPMEIER, ALISON. Why Zines Matter: Materiality and the Creation of Embodied Community. **American Periodicals**, Vol. 18, No. 2 (2008), pp. 213-238

REIS et al. **Combinando Design Participativo e História de Usuários para Levantamento de Funcionalidades no OpenDesign**. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Computação, 2018. Disponível em <https://www.ic.unicamp.br/~reltech/2018/18-12.pdf>
Acesso em 15 de março de 2022.

SIMONSEN, Jesper; ROBERTSON, Tony. **Routledge International Handbook of Participatory Design**. New York: Routledge, 2013.